

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE012736

FARJALLAT, Célia Siqueira. Campinas – o despontar da modernidade. Correio Popular, Campinas, 08 jul. 1997.

# Campinas - O Despontar da Modernidade

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

O livro número 7 da Coleção Campiniana, dirigida pelo prof Amaral Lapa, em realização do Centro de Memória da Unicamp, foi escrito pelo ilustre arquiteto Ricardo Badaró, que desenvolve atuação profissional intensa e diversificada nesta terra de seus, de nossos antepassados. O livro trata da elaboração e implantação do Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas, e foi desenvolvido, originalmente, como dissertação de mestrado, com notável êxito.

É evidente que nosso intuito, além de homenagear o autor, é recorrer aos seus ensinamentos sobre nossa cidade, que em fins do século XIX, assolada pela febre amarela, viu sua população urbana decrescer de 20 a 5 mil habitantes, preservando, contudo, as condições geográficas e materiais privilegiadas. O autor, conforme Ricardo Marques de Azevedo, compilando documentos e pesquisando arquivos, levanta, fundamenta e descreve o processo de elaboração e realização do Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas, 1962,

Não é sobre o Plano que vou tecer esta crônica, que procura homenagear Campinas na data de seus 223 anos. Mas sobre o excelente histórico da formação e desenvolvimento do núcleo urbano de Campinas, síntese que pode ajudar nossos estudantes. Vejam: de 1722 a 1745 Campinas foi pouso no caminho dos guaianases. De 1745 a 1774, foi o bairro de Mato-Grosso de Campinas. De 1774 a 1797, foi a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas; de 1797 a 1842, foi a vila da cana de açúcar; depois até 1888, a cidade do café. De 1889 a 1897, sofreu a epidemia da febre amarela. Daí por diante, houve o despontar da cidade industrial.

Campinas nasceu, como outras cidades, de um pouso à beira do caminho dos Guaianases, rota secundária e tardia do ciclo da mineração — explica o dr. Ricardo Badaró. A rústica picada, que ligava São Paulo às jazidas de ouro, interceptava em território da Vila de Jundiá, densa

mata que ia do Ribeirão dos Pinheiros até os campos de Mogi. Onde ficavam os tais pousos? Onde hoje fica a confluência da Coronel Quirino e Itu. Ali formou-se um bairro rural, ajuntamento de pequenas propriedades, cujos nomes ficaram: Mato Dentro, Ponte Alta (Fazenda Monte d'Este), Dois Córregos (Fazenda Taperá), Taquaral, Anhumas e Campo Grande.

Eram tempos de muita religiosidade e os moradores do bairro reivindicaram e conseguiram (1773) licença para a construção da Igreja Matriz, com paredes de taipa de pilão e cobertura de telha. Em face da pobreza do bairro, foi obtida nova licença para se erguer uma capela provisória, coberta de sapé, que foi inaugurada em 14 de julho de 1774.

A capela localizava-se onde hoje se ergue o monumento-túmulo de Carlos Gomes. Lá adiante fica a atual Matriz do Carmo, e no espaço entre eles está atualmente a praça Bento Quirino. Francisco Barreto Leme, sesmeiro, primeiro colonizador do bairro e líder local, foi nomeado diretor e fundador da povoação de Campinas do Mato Grosso. A data: 27 de maio de 1774.

Uma curiosidade: havia bandos ou pregões públicos nas vilas e praças da região convidando casais voluntários a povoar a nova freguesia, recebendo terras, ferramentas e outros privilégios. Bons tempos! Barreto Leme, o único no bairro a morar em sesmaria, concedida pelo governo, tinha o compromisso de fomentar o desenvolvimento do povoado. Ele doou 1/4 de légua nas pastagens do campinho para a instalação da igreja, da praça e das primeiras quadras.

Claro, não tenho como discorrer sobre o desenvolvimento rápido da freguesia, apesar de sua pobreza inicial. A cana de açúcar traria nos anos seguintes mais bem estar e conforto. A humilde freguesia já se transforma em Vila de São Carlos, em 1797. Surgem os engenhos, que absorvem o braço escravo.

Passando rapidamente sobre alguns decênios, chegamos à época em que se ergueu a Catedral (1807-1833), o Teatro São Carlos (1814), a Igreja do Rosário (1817), o comércio mais requintado ficando ao longo da Rua Direita (segunda denominação da Rua de Cima) e no Largo do Rosário.

Por volta de 1835, Campinas torna-se a Cidade do Café. Mas isso é uma outra história, que fica para outra vez.

Célia Siqueira Farjallat é cronista do Correio